

Encontros e Desencontros by PanKM

Series: [Nada Será Como Antes \[1\]](#)

Category: Stranger Things (TV 2016)

Genre: Angst, Anxiety, Domestic Violence, Dreams and Nightmares, Emotional Hurt/Comfort, Emotional/Psychological Abuse, Friendship, Implied/Referenced Child Abuse, M/M, Original Character(s), Panic Attacks, Period-Typical Homophobia, Period-Typical Racism, Physical Abuse, Post-Season/Series 03, Recreational Drug Use

Language: Português brasileiro

Characters: Billy Hargrove, Dustin Henderson, Eleven | Jane Hopper, Erica Sinclair, Jonathan Byers, Joyce Byers, Keith (Stranger Things), Lucas Sinclair, Maxine "Max" Mayfield, Mike Wheeler, Nancy Wheeler, Neil Hargrove, Robin Buckley, Sam Owens (Stranger Things), Steve Harrington, Susan Hargrove, Will Byers

Relationships: Billy Hargrove/Steve Harrington

Status: In-Progress

Published: 2021-06-20

Updated: 2021-07-26

Packaged: 2022-03-31 10:30:33

Rating: Explicit

Warnings: No Archive Warnings Apply

Chapters: 4

Words: 12,761

Publisher: archiveofourown.org

Summary:

Logo após a tragédia no shopping que abalou a cidade, todos se esforçam para seguir com suas vidas enquanto tentam curar suas feridas.

Mesmo afastados um do outro Steve e Billy acabam se encontrando no lugar mais inesperado.

1. Chapter 1

Author's Note:

É a primeira vez que faço algo assim, mas senti que precisava.

Provavelmente estará cheio de erros mas como dizem, a intenção é que conta.

A *dor* foi o primeiro golpe que o atingiu.

É difícil respirar e seu corpo treme descontroladamente. Parecia que estava sendo apunhalado em todos os lugares ao mesmo tempo.

Luzes piscavam tão rápido que não conseguiu distingui-las... como se estivesse correndo mesmo estando parado... como se o mundo estivesse correndo dele...

E então veio o *frio*, como se um coberto gelado o estivesse envolvendo, o prendendo em uma manta mortuária.

Um sentimento de impotência o preenchia e assustava... como se tivesse sido amarrado e jogado no lago em uma noite de inverno, sendo comprimido e perfurado conforme afundava...

Um sentimento opressivo de desespero o preencheu... Precisa se mexer para subir a superfície... precisa *respirar*... precisa se *libertar*...

Ele tenta abrir os olhos e por um momento achou que não conseguiria.

Suas pálpebras estão tão pesadas... é tão difícil de mantê-las abertas... nem sabe se realmente estão abertas...

É uma luta conseguir e ainda assim não consegue enxergar direito.

Tudo está sem forma... sem foco...

Um lugar claro com uma luz se espalhando do centro.

É tão bom... tão *aconchegante*... não estar afundando na escuridão gélida.

Fechou seus olhos cansados e se imaginou deitado ao Sol com o corpo dormiente das queimaduras solares, *aquecido*. Essa sensação o preencheu e reconfortou.

... **BIP... BIP... BIP...**

E então um som persistente o tirou deste lugar seguro, parecia vir de muito longe ... **BIP... BIP... BIP...** mas era constante ... **BIP... BIP... BIP...**

Um som intermitente como o canto das cigarras ... **BIP... BIP... BIP... metálico ... BIP... BIP... BIP...**

Acompanha as batidas de seu coração. ... **BIP... BIP... BIP... Seu coração...** ah sim, seu coração está batendo ... **BIP... BIP... BIP...**

Em algum momento... algum momento muito distante e esquecido... ele achou que nunca mais ouviria esse som... que nunca mais sentiria essa pressão no peito ... **BIP... BIP... BIP...** uma melodia tão doce ... **BIP... BIP... BIP...**

Por trás dos BIPS ele ouviu um som baixo... pessoas falando, cochichando, sussurrando.

Parece muito baixo... muito distante...

Está muito longe para entender mas estão lá... ele não está sozinho...

Os sussurros vem e vão para se juntar a melodia dos BIPS... a melodia do seu coração.

Ele tenta abrir os olhos novamente... quer sentir aquela luz *reconfortante* novamente... procurar por aquelas vozes não muito distante...

O branco e a claridade o desnorteia inicialmente.

Ele quer fechar os olhos... está tão cansado... não pode, tem que ser forte...

Com um longo suspiro de incentivo tenta se manter acordado.

A luz ainda está lá... a sensação quente ainda está lá... mesmo que ainda sinta frio...

E então ele repara nas paredes, tão brancas que parecem irreais. Metade dela verde o lembrando das folhas morrendo no outono.

Ele não sabe onde está ou como chegou lá.

Lembra de sentir muito *medo*... muito *desesperado*... muito *assustado*... muito *arrepentido*...

Lembra de sentir *tudo* ao mesmo tempo... e então de sentir *nada*...

Lembra de se sentir *envenenando* e *preso na escuridão*...

Lembra de se sentir *vazio*... de *desistir*...

Lembra de *desejar* sentir mais nada...

Notes for the Chapter:

Eu realmente não esperava fazer algo do tipo mas minha cabeça foi inundada de todo o tipo de pensamentos bons e ruins, vários questionamentos e comparações com algumas similaridades com a minha própria vida. Então uma noite comecei a digitar e não parei mais.

Não sei aonde essa história vai chegar e sei que muito coisa vai acontecer até conseguir expressar de maneira adequada o que eu quero e como eu quero, e só posso esperar que quem ler possa ao menos desfrutar um pouco.

2. Chapter 2

Summary for the Chapter:

Em Hawkins todos tentam voltar a suas vidas normais e Steve tenta lidar do seu jeito com as sequelas de seus traumas.

Tudo o que consegue ouvir é um forte estrondo seguido de vários outros, é enlouquecedor. Parece vir de todos os lados na escuridão profunda.

De repente todo o barulho se vai, o preenchendo de calor e luz. Ele tenta abrir os olhos. A claridade faz seus olhos doerem mas ele percebe que está em uma sala, ela é quente e clara. Ele olha para o lado e vê máquinas registrando sinais vitais, apitando sem parar.

O barulho se intensifica, ficando cada vez mais alto. A sala clara começa e mudar para cores distintas, acompanhando o barulho. Até que sua visão se ilumina com uma misturas de cores e estrondos. Cada cor que se ilumina diante de seus olhos vem acompanhada de uma nova parte da monstruosidade que se contorce em sua frente.

E então uma explosão muito forte, muito clara, o faz cobrir os olhos.

Com um forte impulso Steve se levanta curvando-se sobre si mesmo. Sua visão está turva, seu coração está acelerado e sente falta de ar.

Instintivamente leva sua mão esquerda acima do peito e a direita para a garganta, inspirando e expirando descoordenadamente. Fica assim até sentir-se menos oprimido.

Olha o redor de seu quarto iluminado, se concentrando nos objetos familiares até lentamente voltar a olhar para sua cama e a bagunça que ficou com os cobertores jogados para todos os lados.

Uma forte dor de cabeça o atinge, ele cobre o rosto com as mãos fechando e pressionando seus olhos, respira pausadamente. Seu corpo esta coberto de suor e estremece por perder o aquecimento das cobertas.

Steve arrasta as mãos de cada lado da cabeça enfiando os dedos em seu cabelo bagunçado e puxa seus joelhos, apoiando o rosto.

"Porra... Porra... Que porra é essa agora..." murmura ainda meio desnorteadado.

Ele ergue a cabeça e respira profundamente enquanto se senta na beirada da cama. Dá mais uma olhada ao redor do quarto se concentrando na mesa de cabeceira com o abajur ligado ao lado de uma lanterna. Se enrola nos cobertores pegando a lanterna, suspira e se levando para sair do quarto.

Steve vai até a sala andando preguiçosamente pela casa silenciosa e totalmente acesa, se ajoelha na frente da lareira tomando seu tempo para acendê-la. Ao lado tem uma cesta de vime que ele deixou lá com diversos cobertores que ele estende no chão antes de se acomodar.

Massageia as têmporas enquanto encara as labaredas se contorcendo na lareira, aliviando um pouco a enxaqueca que tem sido cada vez mais frequente desde recebeu alta do hospital. *"Provavelmente um presente de despedida de merda dos malditos russos."* pondera. Mas podia ser pior, se tem uma coisa que ele aprendeu nos últimos anos é que sempre pode ser pior.

Steve olha para o lado, para as persianas cobrindo a porta que da acesso para a piscina. Solta um longo suspiro, levanta seus joelhos e abraça as suas pernas voltando a encarar o fogo.

Tudo o que se pode ouvir na casa é o estalo da madeira sendo consumida pelas chamas e sua respiração, de repente ele se sente muito pequeno no vazio de sua casa.

Sua mente vagueia para um tempo, que agora parece muito distante, quando isso não o incomodava e a culpa o levou a uma precária casinha no meio da floresta para se desculpar. A noite que virou seu mundo de cabeça para baixo.

Ele nunca foi de pensar muito antes de agir, o que não foi diferente naquela noite. As crianças dizem que ele tem uma tendência autodestrutiva, sempre pulando na frente do perigo certo.

Seus pesadelos começaram logo depois de enfrentar aquele ser humanoide com uma cabeça que se abria como uma flor espinhenta.

Desde então sempre manteve uma lanterna ao lado do abajur ligado e cobriu a janela de seu quarto com uma espessa cortina. Era inquietante dormir com a invasão da luz que vinha do deck da piscina, que é mantida sempre aquecida desde que Barb foi arrastada e devorada pelo Demogorgon.

Seu relacionamento com Nancy ajudou a manter a cabeça no lugar, voltar e uma certa normalidade. E por um tempo foi bom.

"Bem, foi assim até novembro do ano passado."

Ele passou um tempo internado em observação, por insistência do Chefe Hopper, após ser exposto ao ar tóxico dos túneis. E também para tratar os machucados da surra que levou, e uma suposta concussão leve. Foi lá que ele conheceu o Dr Sam Owens, que estava ali tanto para tratar dos seu próprios ferimentos como para conversar com todos sobre os eventos daquela noite e informar qual seria a história oficial.

"Não acho que me ajudou muito essa conversa com ele."

Sempre tinha pesadelos com os túneis, a floresta, o ferro velho, ser emboscado por Demodogs, ser dilacerado por Demodogs ou, pior ainda, as crianças. Isso o fez se tornar protetor com elas, mas nunca se atreveu a admitir para alguém. *"E quem iria?"* Se sentia ansioso ou em pânico em lugares escuros, úmidos, frios e sua insônia ficou mais frequente.

Mesmo que agora sempre mantivesse toda a casa acesa ele não se sentia totalmente seguro, então nas noites que não conseguia dormir no quarto ia dormir em frente a lareira.

"Pelo menos tem funcionado até agora."

Óculos escuros e um pouco da maquiagem de sua mãe ajudava a esconder suas noites mal dormidas, não queria preocupar os outros e principalmente Dustin. Eles passavam bastante tempo juntos e a sra Henderson sempre o recebia calorosamente e o enchia de comida e biscoitos. Steve gostava de passar um tempo na casa dos Henderson e Claudia Henderson sempre o obrigava a pegar um pouco da comida que separava para ele levar.

Steve dorme com a lembrança daquela casa aconchegante que sempre cheira a biscoitos e sonha com Dustin fazendo bagunça em seu trabalho.

O dia passa sem grandes problemas e Steve internamente agradece pelo clima nublado que ameniza sua enxaqueca e poucas horas de sono.

Por volta das 16h Steve está recolocando os VHS devolvidos quando ouve Robin chamar do balcão entre um estouro e outro de uma bola de chiclete. "Dingus, seus filhos favoritos chegaram."

Steve revira os olhos e antes de ouvir Dustin entrar na locadora seguido de Max responde "Eu não tenho favoritos!" com um sorriso sarcástico.

"Uh-hum, claro não." Diz Robin desinteressada.

Dustin grita um "Olá!" parecendo muito animado e se aproxima de Steve fazendo sons estranhos com um largo sorriso.

Steve revira os olhos.

"Não faça isso, cara."

Dustin ignora o comentário. "Eu vim especialmente neste magnífico estabelecimento só para vê-lo."

"Dusty, o fliperama é aqui do lado. Você não teve nem de sair da

calçada para chegar aqui." Diz Steve enquanto continua devolvendo os VHS nas prateleiras.

"Detalhes." O sorriso de Dustin se alarga. "Vim com a missão de te resgatar, quais são seus planos para hoje, caro amigo?" Dustin abre os braços e derruba parte dos VHS que Steve tinha acabado de arrumar.

Com uma careta Steve fica imóvel alguns segundos em silêncio antes de bufar e arrumar o que caiu.

"Desculpe." Dustin timidamente fala enquanto se agacha para ajudar.

"Você não consegue fazer nada direito?" Vem uma voz atrás de Steve, quando vira vê Max mascando um chiclete que deve ter pego com Robin.

"Não foi de propósito!" Retruca Dustin indignado.

Steve suspira "Ok, ok. Então, o que fez os dois perdedores se separaram do seu grupo de nerds?".

O sorriso de Dustin se abre novamente. "Viemos te convidar para tomar um milk-shake. Por minha conta, claro." Dustin fala todo orgulhoso.

Steve olha com um largo sorriso e estende a mão para bagunçar o boné em seu cabelo. "Vejo que alguém conseguiu bater um novo recorde."

"Ele só teve sorte que eu não estava afim de jogar hoje." Max diz entediada.

Steve ergue a mão, bagunçando seu cabelo também.

"... Uh...E você? Tudo bem na sua casa?" Max faz uma careta e empurra a mão de Steve ajustando seu cabelo.

"Sim. Neil está viajando a trabalho mas deve voltar para a Ação de Graças. Minha mãe vai me buscar na lanchonete." Max enfia a mão nos bolsos e tira uma nota de \$20. "Para o jantar. Você vai com a gente, né?".

Steve olha para as dois brilhando de expectativa e suspira.

"Tudo bem, tudo bem." Steve confere o relógio em seu pulso "vou sair daqui a pouco, me esperem que eu levo vocês."

"Yeah," comemora Dustin "vamos esperar lá fora. Não fique enrolando com alguma garota de novo, hein." Os dois saem animados e sentam no capô do BMW.

"Você mima muito os seus filhos, Dingus." Debocha Robin do balcão.

Steve suspira e ignora o comentário, voltando a repor os VHS nas prateleiras.

Na Cherry-Pick Diner Mike e Lucas já tinham escolhido uma mesa e espera por eles. Todos fazem seus pedidos e Steve pede um milk-shake de chocolate. Assim que a garçonete serve os milk-shakes prometendo voltar em breve com os lanches Mike se vira para Steve.

"É verdade que a Sra Byers vai passar o Dia de Ação de Graças na sua casa?"

Steve o encara por um momento enquanto da um gole no seu milk-shake e acena com a cabeça, então todos falam de uma vez.

"Quando eles vão chegar?" "Eles vão passar o fim de semana ou só a Ação de graças?" "Nós podemos ir na sua casa visitar eles?" "Podemos levar os nossos jogos?" "E ter uma festa do pijama?" "Onde eles vão dormir?" ...

Steve ergue as mãos para tentar acalmar o bombardeio de perguntas. "Ei ei ei... Calma, merda... um de cada vez." ele solta um suspiro e massageia as têmporas.

Quando Sra Byers ligou na semana anterior comentou que estava pensando em passar na cidade para uma rápida visita. Steve sugeriu que prolongasse sua estadia já que as crianças estavam com saudade dos amigos e ofereceu hospeda-los em sua casa. Apesar de Sra Byers inicialmente recusar, não querendo ser um incômodo, Steve acabou convencendo ela e disse que não tinha problema já que seus pais não

estariam e a casa tem muitos quartos sem uso.

"Ok, vamos lá... A Sra Byers disse que viria no sábado... Uh, não sei que horas ela vai chegar. Eu estarei trabalhando mas vocês podem ir vê-los já que a Sra Byers estará lá... Só não destruam a casa, ok?"

Dito isso, as crianças começaram o planejamento para o fim de semana.

Depois que a Sra Hargrove veio buscar Max cada um foi para sua casa e Steve se sentia exausto.

Sábado Steve acordou pouco depois do nascer do sol e ficou deitado por um tempo antes de se obrigar a levantar para sua corrida matinal para então começar a se arrumar preguiçosamente para o trabalho.

Ele está tomando café na cozinha quando a campainha toca.

"Bom dia Sra Byers." diz Steve enquanto abre a porta da frente. Will e El estão logo atrás dela segurando suas mochilas e Jonathan pegando duas malas no carro.

"Bom dia, querido. Nada de Sra Byers, me chame de Joyce," ela dá uma leve batida no bochecha esquerda de Steve "obrigada por nos receber."

Steve olha timidamente para os sapatos antes de voltar a olha-la. "É um prazer, por favor sintam-se em casa."

Ele se afasta para o lado espera todos entrarem antes de leva-los até a cozinha, oferecendo o café da manhã.

"Logo eu tenho de sair para o trabalho, vocês podem pegar o que quiser para comer na geladeira e na dispensa." Steve pega o colete verde que usa na vídeo locadora e o veste "O quarto de hóspedes fica subindo a escada a direita e..." Steve coloca a mão no bolso da calça, puxa uma chave e entrega a Joyce "uma cópia caso precise Sra Bye...."

Uh... Joyce".

Joyce lhe dá um sorriso e acena com a cabeça.

"E vocês se comportem, hein." Steve diz para as crianças comendo na mesa e bagunça seus cabelos antes de sair de casa.

O fim de semana foi bem tranquilo. Fazia muito tempo que a casa não ficava tão cheia e animada, com o grupo trazendo seus jogos e se divertindo. Quase não viu Jonathan, provavelmente passando algum tempo com Nancy.

Joyce estava se ocupando em fazer comida para o batalhão de nerds ou tentando controlar a bagunça. Algumas vezes ele a via se esgueirar para uma das espreguiçadeiras ao lado da piscina para fumar e lhe fazia companhia.

Na manhã de segunda-feira do Dia de Ação de Graças Steve se sentia muito bem e isso se devia principalmente pelas últimas noites de sono tranquila, sem pesadelos com monstros ou hospitais.

A casa cheirava a waffles e café, chegando na cozinha todos já estavam sentados a mesa e Joyce lhe ofereceu uma xícara de café. No resto da manhã todos ajudaram Joyce com os preparativos do almoço. Steve nem se lembrava da última vez que teve um dia tão caseiro e familiar naquela casa.

Depois do almoço Nancy chegou na sua casa com as crianças, cada uma trazendo um prato oferecido por seus pais. Provavelmente sobras de suas próprias ceias. Deixaram na mesa da cozinha e correram para se juntar a Will e El na sala. Suas risadas ecoavam por toda a casa.

Nancy o cumprimentou rapidamente e se juntou a Jonathan, era a primeira vez que ela estivera em sua casa desde aquela vez com Barb.

Ele nunca a culpou, ele mesmo passava a maior parte do tempo na casa dos Wheeler quando namoravam.

Ficar sozinho em sua casa nunca o incomodou, se sentia com sorte por não ter os pais por perto a maior parte do tempo.

"Pelo menos era, até aquela bizarra noite na casa dos Byers."

Depois de descobrir que existem monstros de outra dimensão que atravessam paredes, ficar sozinho numa enorme casa era sufocante.

Na época tentou se manter ocupado com festas de fim de ano mas se sentia deslocado, era estranho. O álcool não ajudava mas não era importante, ele só ia para se manter rodeado de pessoas.

Diminuiu suas noites festejando quando começou a namorar Nancy. Ele suspeitava que estavam juntos pois ambos se sentiam solitários, mas também não se importou pois na sua família era normal atuar como se tudo estivesse bem e ignorando os problemas. Como ela evitava sua casa e na casa dos Wheeler eles estavam estudando ou na sala, eles tinham poucas oportunidades de ficar sozinhos. Apesar de tudo, me esforcei para que tudo acontecesse o mais natural possível.

"Pensando bem, talvez eu estivesse muito desesperado e tentado demais fazer dar certo. E por mais estranho que seja foi só depois de nos separar que senti que ela se abriu para mim." ele pondera.

A insônia e pesadelos se tornaram menos frequentes e achei que poderia voltar a normalidade... ou o mais próximo do normal que poderia chegar.

Não sentia mágoa deles e lhes desejava sinceramente que fossem felizes. Até se sentia um pouco aliviado por ver Nancy em sua casa, vir deve lhe trazer memórias sobre Barb.

"Com certeza não é fácil pra Nance estar aqui."

Steve suspira pesadamente e vai até o deck para fumar um cigarro e espalhar. Parece que não foi o único que decidiu dar uma escapada pois encontra Joyce fumando na espreguiçadeira que reivindicou para si. Steve senta ao lado dela e fuma em silêncio.

"Muito obrigada por nos receber. Significa muito para as crianças... para mim, estar aqui." Diz Joyce com calma, olhando para o céu.

"Uh... tudo bem. As portas desta casa estarão sempre abertas para vocês quando precisarem." Steve desvia seu olhar da Sra Byers e olha para as árvores ao redor, sem muita certeza de para onde olhar.

No dia seguinte que fez seu convite a Joyce, Sam Owens lhe fez uma visita para explicar que quando a família Byers estiver hospedada na sua casa ele enviaria alguém para vigiar a residência. Steve rapidamente recusou a ideia, mas ele garantiu que era uma medida excepcional para a segurança de Will e El, e com isso ele não poderia recusar. Mantê-los seguros era mais importante, mesmo que ter alguém a espreita lhe incomodasse.

"Obrigada, querido." Joyce dá dois tapinhas em seu joelho antes de se levantar e entrar na casa.

Ao final da tarde todos já estavam prontos para partir. Os Byers tinham de pegar a estrada e o toque de recolher de Max faz as crianças partirem cedo também.

Os jogos que as crianças trouxeram ficam na casa de Steve. Eles pediram para manter em sua casa pois suas mães estavam reclamando e dizendo que não eram adequados ou que eram uma má influência. Steve não entendeu muito bem, mas os colocou no quarto de hóspedes.

Steve guarda as sobras na geladeira, não vai precisar se preocupar em preparar a comida por dias.

Da uma olhada em volta para ver se estava tudo em ordem antes de se preparar para dormir.

O cansaço o atingiu em cheio e ele cai no sono assim que se deita.

Seu sonho o leva novamente ao hospital, ao seu lado um homem alto com óculos de armação grossa e jaleco esta ao seu lado segurando uma prancheta e atrás dele tem uma mulher idosa com um vestido verde combinando com a parede.

Notes for the Chapter:

Caso fique um pouco confuso, a história se passa no decorrer das semanas e não tem uma marcação exata de tempo.

Vou encaixando a história com datas comemorativas pra ir tendo uma noção de quando os fatos estão acontecendo.

3. Chapter 3

Summary for the Chapter:

Billy finalmente acorda em um quarto de hospital se sentindo letárgico e confuso.

Aos poucos vai compreendendo e lembrando o que lhe aconteceu.

".....grove." "...Hargrove."

"Hummmm...?" Billy abre os olhos fazendo uma careta. Lentamente focando em duas figuras.

"Sr Willian Hargrove? O senhor consegue me ouvir?" Diz uma voz baixa e monótona.

Ele pisca pesadamente algumas vezes antes de abrir completamente os olhos. Sua visão está um pouco embaçada mas ele identifica dois vultos ao seu lado esquerdo. Ele se sente muito cansado, olha para cima e fecha os olhos novamente.

Ouve o sussurro de vozes até que aquela voz monótona fala novamente, mais devagar. "Sr Willian Hargrove? O senhor consegue me entender?"

Billy abre os olhos novamente se concentrando no vulto mais próximo. Aos pouco o vulto vai tomando forma. Ele se sente letárgico e parece levar uma eternidade para conseguir ver o que está a sua frente.

É um homem alto, muito magro em sua camisa branca com gravata cinza por baixo do jaleco. Seu cabelo castanho parece molhado e está todo penteado para trás, com nenhum fio fora do lugar. Seus olhos são negros e usa óculos com uma armação grossa quadrada igualmente preto. Contrastando com sua pele muito pálida, como se nunca tivesse tocado a luz do sol na vida.

"... quem... argh" Billy tenta falar, sua mandíbula parece travada, sua

língua inchada e a boca seca. Pigarreia e tenta novamente "... eu... humm..." sua garganta dói, franze as sobrancelhas e olha para o homem de jaleco interrogativamente.

O homem cochicha para alguém atrás dele e volta a olhá-lo, sua expressão, meio carrancuda meio sério, inflexível. Billy houve um barulho metálico e alguns momentos depois uma mulher fica entre os dois segurando uma bandeja apoiando um copo com um canudo.

Ela aproxima o copo inclinando o canudo na direção de sua boca, encostando levemente. Billy a olha por um segundo e abre a boca, segurando a ponta do canudo fracamente. Ele não tira os olhos dela.

A mulher deve ter uns 50 anos, o cabelo ondulado preso em um coque é de um loiro escuro com grossas mechas grisalhas. Ela é pequena e parece frágil apesar das mãos firmes. Seu rosto é sério e seus olhos grandes e castanhos são gentis.

Billy toma um tímido gole, a garganta arranhando dolorosamente quando o líquido insípido desce. A mulher afasta um pouco o canudo, oferecendo-o novamente logo depois. Abre os lábios aguardando ela apoiar o canudo de novo, tomando um gole mais generoso mas lento. Seus olhos não desviam dos dela, há uma familiaridade neles que o atrai. Quando ele termina de tomar a água ela se afasta e ele nota que ela está usando um vestido verde da mesma cor da parede ao redor.

O homem alto ajeita o óculos no nariz e volta a falar com ele. "Sr Hargrove".

Billy franze a testa, sempre se sente estranho quando essas palavras são direcionadas a ele, se sente ainda mais incomodado ao ouvir com aquela voz fria e monótona. Ele quer que a mulher de olhos gentis volte.

"Eu sou o médico responsável por tratar os seus ferimentos, meu nome é Dr. Andrew Smith".

"Ferimentos?" Sua voz é rouca mas sai com mais facilidade.

Billy pensa um pouco e se recorda de algo batendo em seu carro

enquanto dirigia.

Após uma longa pausa sem tirar os olhos dele, o médico continua. "O senhor esteve em coma por algum tempo, em um estado mínimo de consciência, e retomando os sentidos progressivamente conforme eliminava todas as toxinas biológicas e químicas." ele faz mais uma longa pausa, o observando atentamente. "O estávamos mantendo sedado para a sua segurança. E de todos os envolvidos aqui."

Billy fica em silêncio, ainda confuso. Se lembra de estar bem quando seu carro foi atingido, mas não de ter sofrido um acidente tão grave a ponto de ser hospitalizado.

"Sr Willian Hargrove? O senhor entendendo o que estou dizendo?"

Billy o encara por um momento, a resposta não lhe vem a mente de imediato. Então ele só acena com a cabeça. Parece ser um grande esforço.

"Bom. Vou pedir para o senhor fazer alguns movimentos." Com isso o enfadonho médico ergue uma caneta na frente de seu rosto e pede para seguir com os olhos. Quando o faz ele levanta uma prancheta e faz uma anotação. Pede para fechar e abrir os olhos, e novamente faz uma anotação. Estica o braço e pede para apertar a caneta e Billy sente uma resistência no braço. Lentamente olha para baixo e vê que seu antebraço está preso a uma grossa restrição acoplada ao lado da cama. Vira-se rapidamente para o médico, sentindo uma ligeira dor de cabeça com o movimento, e o encara indignado.

"... mas que... porra..." se agita na cama inutilmente, tem certeza que está gritando mas sua voz sai rouca e baixa, tossindo antes de completar a frase.

"Sr Hargrove, peço que tenha paciência. É só uma medida preventiva enquanto o tratamos. Por favor, nós esperamos que o senhor compreenda." Ele faz uma breve pausa. "Logo o senhor poderá se movimentar livremente pelo quarto."

Billy não entende como prende-lo a cama é seguro pra eles, mas está muito cansado para tentar compreender qualquer coisa. Ele só quer voltar a dormir.

"Pode tentar apertar a caneta, Sr Willian Hargrove?"

Olha para as restrições novamente e depois para a caneta ao lado da mão, apertando. O medido faz mais alguns pedidos, fazendo anotações logo em seguida.

Algum tempo depois, a mulher se aproxima do médico e sussurra.

"Sr Willian Hargrove, acredito ter sido um dia longo. Podemos continuar em outro momento. Vou deixa-lo descansar." Com isso ele se afasta até o final da parede a sua esquerda parando ao lado da porta.

A mulher retorna com sua bandeja e lhe oferece um pouco mais de água. Ele se sente aliviado por se livrar daquele homem enfadonho de expressão inflexiva para admirar aqueles grandes olhos castanhos. Quando termina de tomar a água ela puxa um pano úmido e passa em volta de seu pescoço, nuca, rosto.

Billy relaxa e fecha os olhos, se sente exausto. Nem mesmo percebe quando os dois saem da sala.

Tudo a sua volta está granulado. Parece que está no meio de uma tempestade de areia cinzenta, opressora.

Ele olha em volta e encontra um ponto mais fraco na ventania, um ponto de cor avermelhado e segue naquela direção.

Conforme avança a areia cinza vai sendo substituída pelo vermelho opaco, até que ele chega a uma praia.

No horizonte o céu está nublado e sentado na areia está uma mulher de cabelo claro ondulado.

Billy se aproxima dela lentamente, com medo de assusta-la. Quando ela vira ele instantaneamente paralisa, observando cauteloso. Tudo o que ela faz ao olhar para ele é sorrir, um enorme sorriso de felicidade enquanto

arruma o cabelo bagunçado pelo vento.

Ele fica hipnotizado por um momento, até que um clarão no céu o tira de seu transe. No horizonte o clarão ilumina algo no meio das nuvens, uma figura disforme com várias pernas se movimenta, Billy tem aquele sentimento opressor novamente comprimindo seu peito.

Um novo clarão atinge o céu mostrando novamente aquela criatura e uma dor agonizante atinge seu peito, fazendo-o se curvar para baixo. Várias imagens daquela criatura aparece na sua frente, mais próxima, mais grotesca.

Billy acorda assustado, puxando todo o ar que consegue para seus pulmões enquanto se contrai e inclina para frente. Ele não consegue ir muito longe com a restrição que envolve seus ombros e se joga para trás.

Ele está novamente no quarto do hospital, se sentindo aliviado.

Quando consegue se acalmar começa a observar em volta do quarto. O teto e metade da parede é branca sendo a outra metade verde, não tem janelas e todas as paredes possuem espelhos, a parede a sua direita tem uma porta do outro lado de sua cama e ao seu lado uma cômoda, a parede a sua frente tem um banco almofadado, a sua esquerda tem uma bancada com um banco na frente ao lado uma porta de metal sem fechaduras, ao lado esquerdo da cama tem vários monitores com diferentes informações e apitando. Alguns fios conectados aos monitores seguem em direção a cama e parece estar preso a ele.

Billy fecha os olhos e respira fundo, tentando absorver a situação em que está. Ele se sente um pouco embriagado e não consegue se concentrar direito em seus pensamentos.

Ele desiste e abre os olhos novamente, olhando para si mesmo. Está coberto com um grosso cobertor verde e abaixo tem um lençol

branco, está suando um pouco e o quarto parece quente. Não sente a necessidade de uma coberta tão grossa mas também não está incomodado com ela, de alguma forma se sente aliviado por se sentir aquecido, por não sentir frio. Como se algo ruim acontecesse se seu corpo esfriasse.

Algumas partes do seu corpo estão um pouco doloridas, principalmente a garganta e a cabeça, mas o que mais lhe incomoda é a dor no peito e nas costas que o faz sentir como se algo o estivesse esfolando lentamente. Tenta se mexer e percebe que as restrições estão por todo o seu corpo, pernas, braços, quadril, cintura, ombros. Não poder se mexer o deixa desconfortável, mas se sente muito dopado para se importar com isso agora.

Billy fecha os olhos e tenta se concentrar no calor acolhedor do quarto.

A imagem da mulher sorrindo na praia volta a sua mente e ele começa a relaxar. O sorriso dela era tão calmante, acolhedor, um refúgio.

"Sim... um refúgio."

Aquele era o seu refúgio, seu e sua mãe.

"Ela era tão linda... eu era tão feliz... até que não..."

Sua mãe adorava a praia e passavam muito tempo juntos lá, ficava sentada na areia sempre sorrindo enquanto olhava ele brincar. Ela estava sempre ao seu lado, sempre o apoiando em tudo. Ela adorava as pessoas, a natureza, todas as criaturas.

"Sempre cheirava a flores."

Todo esse amor que ela tinha pela vida e pela natureza foi mostrado pra ele.

"Nessa época, quando éramos só nós dois, eu era tão feliz."

Com essas memórias de sua infância Billy adormeceu.

Quando Billy acorda o médico esta lá com a enfermeira.

"Bom dia Sr Willian Hargrove." o Dr. Smith diz, tedioso.

Billy nem responde, fica só olhando. A mulher de olhos gentis se aproxima e lhe oferece água, se afastando logo após.

O médico retoma a conversa. "Vejo que hoje está se sentindo melhor Sr Willian Hargrove, mais disposto."

Ele faz outra de suas pausas, que agora Billy percebe ser tão irritante quanto sua voz monótona, e continua.

"Vou lhe fazer algumas perguntas, peço para que responda o que puder." Ele levanta uma prancheta. "Primeiro diga se sente alguma dor ou desconforto, e onde exatamente."

O primeiro pensamento de Billy é "*as restrições*" mas acha que é muito cedo para sarcasmos.

"Dor de cabeça... enjoo... tontura..." passa a língua no lábio inferior e continua "garganta, humm... tronco..." tenta gesticular todo o tronco com a mão, mas é impedido pelas restrições e faz uma careta. "... acho que é isso..."

"Bom, muito bem." O médico não tira os olhos da prancheta e continua. "Agora vou fazer algumas perguntas pessoais."

Ele continua perguntando coisas como nome, idade, onde nasceu, endereço, etc. Não parece que ele está anotando as informações, ele só faz uma marcação então deve estar só conferindo.

Para todas as perguntas Billy sente como se precisasse se esforçar para lembrar, como se não soubesse até ser perguntado. Isso o incomoda um pouco, mas a demora em dar as respostas não parece incomodar o homem. Algumas vezes a enfermeira interrompe para oferecer mais água e tudo corre tranquilamente.

"Foi muito bem hoje Sr Willian Hargrove."

Ele sempre faz questão de chamar Billy assim, e cada vez que o faz ele se sente estranho.

"Tenho certeza que em breve estará em condições de se levantar da cama."

O médico faz um movimento se afastando, quando Billy tenta chamar sua atenção.

"... humm... Dr Smith..."

O homem para e olha para Billy, ajustando o óculos no nariz, esperando.

"... sobre... sobre minha família... eles sabem sobre mim... que estou aqui?" Billy humedece os lábios, se sente nervoso. "Max... minha irmã... bem..."

O Dr Smith suspira e se endireita, olha por alguns segundos antes de responder.

"Sim, eles foram informados da sua... internação. Os estamos mantendo informados de sua situação. Mas receio que não poderão visita-lo. Os custos não foram cobrados de sua família." Ele suspira novamente antes de uma de suas longas pausas. "Sua irmã está bem. Ela teve somente ferimentos superficiais no... incidente no shopping."

Billy olha para ele um pouco incrédulo, um pouco surpreso, e tenta absorver essas novas informações.

Sem conseguir formular uma palavra ele só acena com a cabeça e vê o médico se afastar.

A enfermeira se aproxima novamente com a água e seu olhar é mais atencioso enquanto segura o copo. Observa enquanto ela se afasta até a bancada para colocar a bandeja e ficar ao lado do médico. Billy ouve um barulho metálico e a porta se abre, depois que os dois saem a porta se fecha com um estrondo pesado e outro barulho metálico.

Billy fecha os olhos respirando profundamente.

"O que quer que tenha acontecido comigo, aconteceu no shopping e Max

estava lá."

Ele se sente aliviado. "Pelo menos ela está bem".

Com esse pensamento ele cai no sono.

Billy se vê novamente na tempestade de areia, olha em volta e não encontra aquele ponto de luz vermelha.

Em vez disso a areia vai se transformando em uma névoa densa e escura com um clarão ocasional.

Em meio a névoa imagens vão tomando forma para depois ser engolida pela névoa e substituída por outras.

Primeiro ele se vê sendo arrastado e depois aquela criatura disforme está em cima dele.

Então uma garota está ao seu lado, os olhos arregalados de terror.

Ele se vê vagando por um lugar frio e sombrio, procurando por algo mas não sabe exatamente o que. Sente uma raiva que não é dele.

Então aquela criatura está a sua frente, maior, mais disforme. Várias luzes coloridas estão iluminando aquilo pra depois desaparecer, fazendo a criatura ficar mais grotesca.

Ele sente dor, sente medo, desespero, ódio.

E então ele se sente calmo, se sente ele mesmo.

No momento seguinte sente um empurrão e muita dor, uma dor que nunca experimentou na vida.

Billy acorda paralisado de terror, olhos arregalados, boca aberta puxando todo o ar que consegue. Sente o suor escorrendo pelo seu rosto.

As memórias vem de uma vez, todos os sentimentos dele e os que não eram dele o atinge em um golpe. Ele se sente aterrorizado, incrédulo, impotente, não consegue entender o que aconteceu e ao mesmo tempo se lembra de tudo o que foi obrigado a fazer.

Em meio a seu devaneio Billy ouve um estrondo na porta. Assustado se vira rapidamente para ver o médico e a enfermeira entrando, soltando um suspiro de alívio.

A mulher vai direto para a bancada e o médico se aproxima com a prancheta, olhando para os monitores e fazendo anotações quando percebe que Billy está acordado.

"Bom dia Sr Willian Hargrove." Ele fica um tempo fazendo anotações, olhando algumas vezes para Billy.

A enfermeira se aproxima limpando o suor de Billy com um pano úmido antes de lhe oferecer água, voltando para a bancada.

"Hoje não irei lhe incomodar muito Sr Willian Hargrove. Seus exames e sua recuperação está tão bem quanto o esperado, considerando sua situação particular." o Dr Smith diz, observando brevemente.

"Agora, lhe darei as condições para que o senhor possa circular com mais liberdade pelo quarto enquanto não estivermos."

Billy pensa em conseguir respostas sobre a criatura que estava controlando seu corpo. Apesar de se sentir bem quando a enfermeira de olhos gentis está próxima, ele não se sente confortável com o médico, não confia nele. E se tem uma coisa que ele não ignora é seus instintos. Então ele só espera.

"Durante nossa permanência aqui para fazer o acompanhamento de sua recuperação, o senhor ainda terá de usar as restrições. Mas não todas, somente as de seus braços e pernas." aponta para eles enquanto fala.

"Então, quando o senhor ouvir o sino tocando, peço para que se deite

e posicione seus membros no lugar certo para não se machucar." O médico faz uma pausa.

"Iremos servir três refeições por dia que serão entregues por aquele acesso." Ele aponta para a bancada, onde tem um painel retangular de metal. "Quando terminar sua refeição é só empurrar a bandeja de volta. Iniciaremos sua dieta com comidas mais leves já que faz um tempo que não ingere comidas sólidas."

Billy desvia os olhos da bancada, encara o médico e acena com a cabeça.

"Aquela porta lhe dá acesso ao banheiro." Ele aponta para a porta fechada na parede a direita. "O senhor entende tudo o que estou lhe dizendo? Podemos confiar que seguirá nossas instruções, Sr Willian Hargrove?"

"Não parece que tenho outra opção, seu merda?"

Billy o encara por alguns segundos e acena com a cabeça.

"Perfeito." O médico diz, se vira para a enfermeira e acena com a cabeça. "Agora nós iremos soltar as demais restrições." O Dr Smith diz enquanto a enfermeira se aproxima e afasta as cobertas.

Olhando para baixo, Billy repara que as restrições pelo seu corpo são de couro e as dos braços e pernas são de metal, preso a cama.

A mulher lentamente desafivela as restrições de couro, suas mãos são firmes enquanto o desamarra. Depois ela retira os fios que conectam aos monitores ao seu corpo. Quando termina o encara com aqueles olhos gentis, o cobre e se afasta segurando as restrições de couro com as mãos.

"Ótimo." O médico diz olhando para Billy. "O senhor tem alguma dúvida?"

Billy nega com a cabeça.

"Ótimo. Isso é tudo por hoje. Por favor, não se esqueça do nosso acordo." Ambos se afastam e esperam a porta abrir para sair.

Billy olha para o teto e respira fundo, fechando os olhos.

Fica assim por um tempo quando ouve um estalo, abrindo os olhos surpreso. As restrições de metal estão abertas.

Billy encara o próprio corpo, movimenta um pouco os braços antes de puxar e esfregar. Ele senta na cama e puxa suas pernas, esfregando-os também. Se sente rígido e leva seu tempo mexendo os membros, se alongando, aproveitando esse momento de liberdade.

Se senta na beirada da cama e se levanta. Suas pernas cedem, fracas, e precisa se apoiar na parede para não cair. Quando consegue manter um certo controle do seu equilíbrio começa a andar em direção do banheiro.

É difícil se movimentar, ele se mexe devagar, cambaleando, arrastando um pouco as pernas e se apoiando na parede para conseguir avançar.

Chegando ao banheiro, se apoia na beirada da pia para conseguir se manter em pé e olha seu reflexo no espelho.

Ele parece mais magro e pálido, sua boca está rachada, seus olhos tem olheiras. Seu cabelo foi cortado e parece terem deixado crescer livremente, a lateral parece mais curto, como se tivesse sido raspado em algum momento posterior ao restante. Em seu rosto tem uma marca abaixo do olho, ergue o braço e a toca a cicatriz com cautela. Pelo reflexo do espelho ele vê outras se espalhando pelo seu antebraço.

Está usando uma camisola hospitalar verde estampada com vários quadrados com círculos dentro. Olhando para o reflexo nota atrás dele uma prateleira com várias toalhas e camisolas. Billy tira a que está usando e joga em cima da pia.

Seu corpo está enfaixado do ombro ao quadril, toca levemente a bandagem e começa a desenrolar ela do corpo. Quando termina ele olha as várias cicatrizes espalhadas ali como se tivesse sido apunhalado em formatos circulares com tipos diferentes de lâminas, sendo a do seu peito a maior e mais maciça das cicatrizes. Seu corpo também está mais pálido e magro. Apesar do músculo definido em

seu torso, está longe de ser o corpo que ele passou anos trabalhando. Ele se vira e olha as cicatrizes cobrindo suas costas.

Seus olhos vagam novamente por todas as cicatrizes, se lembrando do momento que elas foram feitas. É como se tudo fosse um pesadelo, mas a dor que sentiu o faz lembrar que tudo aquilo era real.

Billy fecha os olhos com força e se curva em cima da pia, agarra a borda até os nós dos dedos ficarem brancos. Respira fundo e se ergue, olhando novamente para seu reflexo e suspirando.

Se vira e vai em direção ao chuveiro. Lá tem um banco de metal e senta, as pernas fracas e tremulas. O jato não tem muita força mas é quente. Ele fica um tempo assim, só sentindo a água quente escorrer pelo corpo antes de começar a se lavar. Ao ensaboar o tronco, ele hesita antes de espalhar o sabão. Toca levemente, como se ainda estivessem abertas e doloridas.

Quando termina se enrola na toalha, vai até a pia e escova os dentes. A água na torneira é morna quando enxagua a boca. Veste uma camisola limpa e volta para o quarto, deitando na cama e se cobrindo.

Ele se sente muito melhor depois do banho, fecha os olhos e dorme rapidamente.

Billy está em meio a uma névoa densa, a antecipação de que algo ruim vai acontecer a qualquer momento o corrói.

Conforme a névoa se dissipa ele se vê no meio de uma floresta, tudo parece morto a sua volta.

De repente ele está dentro de uma casa, mesmo na escuridão ele consegue ver algo estranho serpenteando por todas as superfícies.

Ele já esteve naquele lugar antes mas não consegue se lembrar, ela parece diferente.

As luzes começam a piscar desordenadamente e o ambiente muda de alguma forma, ele consegue ver várias luzes coloridas brilhando no teto. Os cipós na parede são substituídas momentaneamente por sombras antes de voltar a escuridão fúnebre.

As luzes piscam novamente e ele ouve um barulho vindo de trás dele, no corredor. A sala volta a ficar escura.

Billy se aproxima lentamente do corredor sem saber ao certo o que vai encontrar, mas tudo o que vê é um corredor escuro todo preenchido daqueles cipós estranhos e suspira de alívio ao se encontrar sozinho naquele corredor.

Novamente as luzes piscam e um arrepio percorre a sua espinha.

Na sua frente, do outro lado do corredor, uma criatura humanoide está parada de costas para ele. Ela é alta mesmo estando curvada, seus membros são longos e parece ter sido esfolada.

Quando aquilo se vira o encara por um momento, mas não há nada lá além de pele esfolada e enrugada.

A criatura dá um passo a frente se erguendo e de repente seu rosto se abre como uma flor mostrando vários dentes pontiagudos brilhando naquelas luzes piscantes.

E então Billy mergulha na escuridão.

4. Chapter 4

Summary for the Chapter:

Chega o final do ano e Steve ainda está lidando com seus terrores noturnos no reino dos sonhos e constantes dores de cabeça.

Steve está em um lugar escuro envolto em neblina.

Ele olha em volta, identifica alguns veículos e então um velho ônibus enferrujado.

Estremece com a percepção de que está no ferro velho. Em sua mão está o taco de baseball cheio de pregos.

Steve começa a ficar atento, procurando na densa neblina qualquer Demodog que esteja se aproximando. Ele ouve um barulho ao longe, pode ser só o barulho da floresta ou algo se rastejando ou um grunhido, ele não sabe dizer.

Pontos de luz colorida se iluminam e apagam desordenadamente acima de sua cabeça. Steve olha pra cima tentando entender o que é aquilo, mas a névoa não o deixa nítido.

Quando olha novamente para baixo o ferro velho se foi.

Ele está na casa dos Byers, na entrada, e para todo o lado as luzes natalinas preenchem o ambiente. Ele sabe o que esperar daquilo, segura o taco com as duas mãos e olha em volta esperando a criatura aparecer.

Aperta as mãos com mais força em volta da madeira quando as luzes piscam. Procura desesperadamente pela criatura mas só consegue ouvi-la.

Ele fecha os olhos, sabe onde ela está.

Steve se vira e segue em direção ao corredor com o taco erguido acima dos ombros e encara o Demogorgon enquanto abre a cabeça mostrando seus dentes.

Steve acorda paralisado em sua cama, olhos arregalados encarando o teto iluminado e hiperventilando.

Ele não se mexe em sua cama tentando controlar o fluxo de sua respiração, os olhos rastreando objetos familiares em seu quarto, a mão tentando se agarrar ao fantasma do bastão.

Quando sua respiração se estabiliza um pouco, ele se senta na cama com o coração ainda acelerado e inicia sua nova rotina pós pesadelo. Se enrola na coberta, pega a lanterna na mesa de cabeceira, vai até a sala, acende a lareira e estende as cobertas guardadas em um cesto de vime ao lado.

Ele se acomoda nas cobertas e encara o fogo ganhando volume dentro da lareira.

Fazia muito tempo que ele não tinha um pesadelo com o Demogorgon na antiga casa dos Byers.

"Pelo menos desta vez ninguém tinha sido devorado por ele."

Steve se sente aliviado por ter acordado antes disso, e esse sentimento o faz se sentir desconfortável. Nada disso deveria fazer ele se sentir aliviado, não por algo ruim acontecer com menos intensidade que o normal.

Steve fica remoendo o assunto e se censurando até finalmente cair no sono.

O dia passou tediosamente devagar.

Do lado de fora da Family Video está nublado e começando a

escurecer, já é final de dezembro e os dias estão ficando cada vez mais curtos. Hoje está um dia particularmente frio e ele está contando os segundos para sair deste lugar deserto.

Robin está se escondendo em algum lugar atrás da vídeo locadora com a desculpa de rebobinar os filmes que "alguns idiotas apressados", palavras dela, devolveram.

Enquanto isso Steve está entediado no balcão lendo uma HQ chamada Crisis on Infinite Earths que Dustin o obrigou a pegar emprestado, ele a acha muito confuso e tem de ficar voltando algumas páginas para tentar entender.

De repente um sino toca e a porta da frente abre, fazendo Steve se arrepiar com o frio invadindo o lugar. Max entra apressada. Ela fecha a porta rapidamente e anda pisando forte em direção ao balcão, praguejando. Pelas janelas de vidro ele vê Dustin correndo irritado em direção a porta.

Ele guarda a revista debaixo do balcão para evitar comentários do Dustin e volta a sua atenção para Max. Seu rosto está vermelho do frio, a mão em volta da boca tentando aquecê-la com o ar quente, abafando os xingamentos. Steve a encara e ela revira os olhos, ficando em silêncio.

A porta se abre novamente com a entrada de Dustin.

"Caralho, de onde saiu esse vento todo?" Dustin estremece fechando a porta.

"Olha o linguajar, este é um ambiente familiar." Steve diz.

Dustin revira os olhos e se aproxima do balcão.

"Steve, amigo." Dustin sorri, o rosto meio engessado do frio.

Ele estende o braço, Steve se inclina por cima do balcão e eles fazem o seu cumprimento secreto. Max bufa uma risada com a mão ainda congelada na frente do rosto.

"O que posso fazer pelos merdinhas hoje?" Steve diz, cotovelos no balcão segurando o rosto.

"E eu preciso de um motivo para vir visitar o meu melhor amigo?" Dustin fala, nenhum pouco convincente.

Steve o encara alguns segundos antes de responder, "Uh-hum." balança preguiçosamente a cabeça. "Uh... Nenhum... nenhum mesmo..."

"Mas já que estou aqui e, coincidentemente, está quase na hora do seu turno acabar..."

"Uh-hum... coincidência..." Steve diz tedioso, aguardando paciente o desfecho da conversa.

Dustin ignora e continua, "Você bem que poderia me dar uma carona pra casa." sorrindo esperançoso.

Steve não se contém e sorri para o garoto "Dãã... E eu já recusei?" balançando o boné em sua cabeça.

Dustin sorri animado.

Steve olha para Max, ainda congelada.

"Você tá com cara de quem precisa desesperadamente de uma carona, Max."

Ela o encara com uma careta por alguns segundos antes de responder.

"Por mais que seja tentador me aproveitar do aquecedor do seu carro, Steve, vai ter de ficar para outro dia," ela olha pelas janelas procurando algo e volta a encarar Steve "minha mãe já está chegando para me levar. Ao contrário do perdedor aqui," Max aponta para Dustin "eu realmente vim escolher um filme."

"Ei...." reclama Dustin, ofendido.

"Ok, ok." Steve interrompe antes que comecem a brigar. "Certo, então vá pegar seu filme. Fechamos daqui a pouco, com esse tempo vamos encerrar mais cedo." Steve olha para o relógio no pulso. "Você tem sete minutos."

Com isso Max se apressa para o corredor de romances com Dustin a

acompanhando.

Steve aproveita para guardar suas coisas e preparar tudo para fechar a vídeo locadora.

Alguns minutos depois Max aparece com dois filmes. Steve pega e registra Ladyhawke e Somewhere in Time no cadastro da família Hargrove.

"Hum. Escolha interessante." Steve debocha.

Max revira os olhos e bufa.

"Neil quer agradar a mamãe. Outro dia chegou bem tarde e bêbado e ela o fez dormir no sofá."

"Hum... sei..." Steve finge desinteresse enquanto coloca as fitas VHS na caixa personalizada da Family Video e depois na sacola, entregando para a garota por cima do balcão.

"E está tudo bem?... Na sua casa, quero dizer?"

Max o encara por cima da sacola e dá de ombros.

"Tudo bem, eu acho... nada fora do normal." Ela aperta os lábios. "Dr Owens ligou... parece que ele está respondendo bem ao tratamento..."

Uma buzina toca do lado de fora, assustando ambos.

"Acho que sua mãe chegou." Steve ergue o braço e acena para a Sra Hargrove, que acena de volta.

"... é, acho que sim... Tchau Steve... Tchau Dustin".

Max vai correndo para o carro e Steve fica olhando até o carro sumir no horizonte.

"Que barulhento... aahhhhhh... não se pode nem tirar um cochilo em paz." Robin aparece atrás de Steve se espreguiçando com a cara amassada. "Hey Dingus. tá na hora. Vamos embora".

"Sim, por favor." Steve acena com a cabeça, pega seu casaco e dá a

volta no balcão. "Se não se apressar vamos te deixar aqui." diz Steve vestindo o casaco, tira as luvas do bolso e coloca enquanto espera Dustin.

Os três saem juntos e Steve tranca a porta.

Do lado de fora o vento forte dá a sensação de estar sendo espetado por várias agulhas de gelo. Algumas vezes Steve tem a impressão de que este ano está mais frio que o normal e se questiona se é uma paranoia dele. Ele se aquece um pouco com o aquecedor do carro antes sair do estacionamento em direção a casa de Dustin.

Quando chega, Dustin se joga pra frente com o rosto entre os bancos dianteiros. "Você vem pro jantar hoje, Steve?".

Steve dá um pulo, surpreso. "Jesus, Dusty. Não me assuste assim."

Robin faz uma careta e Dustin ri.

"Mamãe vai fazer Mac'n cheese hoje."

"Valeu, mas hoje eu já tenho Uh... bom, Robin e eu temos umas coisas pra fazer." Steve passa os dedos pelo cabelo e olha Dustin pelo retrovisor. "Desculpe cara, vai ficar pra outro dia."

"hum... com Robin... Certo." Dustin puxa sua mochila e tira um pote de dentro. "Certo. Eu ajudei a mamãe a fazer gingerbread." Dustin estica o braço, oferecendo a Steve que pega. "Não está muito bonito, mas pode apostar a sua bunda que está delicioso."

Steve o olha por um momento e sorri.

"Obrigado, Dusty. Agradeça a sua mãe também".

Dustin acena com a cabeça e vai até a porta.

"Eu vou. Te vejo no fim de semana, marcamos na sua casa. Vamos começar uma nova campanha. Tchau Robin... divirtam-se." Ele sai com um sorriso malicioso e antes de responderem ele corre pra dentro de casa.

"Agora que seu filhote foi entregue em segurança, podemos ir?" Steve

revira os olhos e começa a dirigir.

"Caralho... Dustin não estava exagerando... esses biscoitos estão bons mesmo." Robin está devorando um gingerbread atrás do outro como se não comesse a dias. "... apesar de parecer terem saído de um experimento que deu errado" ela gargalha agitando um gingerbread meio devorado no ar.

Steve sorri. Ele come o biscoito mais devagar, encarando Robin enquanto ela ri descontroladamente com a boca cheia de biscoito.

Eles estão dentro do carro de Steve, no meio de uma clareira com vista para o ferro velho.

Depois que ambos receberam alta do hospital, ele ficou bem mal por um tempo. Tinha muitos pesadelos com russos e Mind Flayer ou sua versão grotesca que os pirralhos carinhosamente apelidaram de Spider Monster. Estava com uma sensação constante de que seria atacado a qualquer momento e se assustava por qualquer coisa. Ficava sempre ansioso e em pânico quando saía de casa, e em sua paranoia acabou se tornando um recluso. Sua mãe até voltou mais cedo de uma viagem para ficar com ele. Robin também não aparentava estar lidando bem com as coisas.

Eles começaram a passar bastante tempo juntos vagando pela cidade sem um destino definido, mas sempre acabavam em lugares isolados. Na maioria das vezes eram lugares que criaturas bizarras já tinham estado. No começo eles só paravam lá com o farol sempre ligado, e dividiam um baseado em silêncio. Aos poucos começaram a conversar. Conversavam sobre tudo e sobre nada. Steve sente que esses passeios eram um tratamento mais eficaz do que ficar trancado em uma sala com algum médico esnobe, pelo menos ajuda ele a se sentir melhor... e também parece ajudar Robin, mesmo que ela nem ao menos vá admitir que tem um problema.

Agora ele consegue andar por aí sem esperar ser atacado e arrastado a cada esquina e sua ansiedade e ataques de pânico geralmente acontecem após algum pesadelo mais sombrio, o que é uma vitória se ele for comparar a como era alguns meses atrás.

"Hey Dingus... vai me contar o que está acontecendo dentro dessa sua cabecinha de vento, ou o que...?"

"... hum? o que?" Steve olha para o lado e encontra Robin encarando, curiosa.

"Ah... nada." Robin ergue as sobrancelhas, comendo o último gingerbread sem tirar os olhos dele.

Ele se ajeita no banco desviando os olhos para frente e passa os dedos no cabelo.

"Só estava pensando sobre hoje... Uh... sobre Max."

"Porque? Aconteceu alguma coisa?" Apesar de Robin sempre parecer não se importar, ele sabe que ela se preocupa com os pirralhos.

"Nada, só... não sei." ele suspira desanimado. "O pai... hum o padrasto dela é, bem... sei lá, algo não me parece certo."

Robin acena com a cabeça e olha pra frente.

"Uh-hum. Entendo o que você quer dizer," ela fecha o pote que estava cheio de gingerbread a poucos minutos atrás e continua "você lembra de como ele agiu no hospital...?"

Steve suspira novamente, as vezes sente como se passasse o dia suspirando em vez de respirando.

"Sim... parecia impaciente, irritado. Estava mais preocupado com a conta do hospital do que em saber como os filhos estavam, nem parecia que queria estar lá... como se o que aconteceu com eles não importasse."

Eles ficam alguns minutos em silêncio, até Steve falar novamente.

"Eu estou pensando bastante nisso nos últimos meses e as vezes tenho a impressão de que a qualquer momento algo vai acontecer... sei lá, só estou preocupado com a Max".

"Uh-hum..." Robin parece perdida em seus pensamentos quando responde.

Após alguns minutos em silêncio Steve suspira e liga o carro, indo para a sua casa passar a noite com Robin assistindo alguns filmes estranhos que ela escolheu.

Steve está exausto, a Family Video estava uma loucura com várias famílias barulhentas aparecendo apressadas para tentar levar algum filme antes de fecharem para o feriado.

Sua cabeça esta latejando de dor, e ele tenta aproveitar esses abençoados minutos de silêncio dentro do seu carro.

Steve olha para o lado, encarando a guirlanda pendurada na porta de sua casa. É sua mãe que costuma se preocupar com a decoração da casa e esse ano ele não planejava se preparar pra isso. Essa era a intenção, até a Sra Byers ligar perguntando se seria um incômodo eles passarem alguns dias em sua casa novamente.

Então no dia anterior, com a chegada dos Byers, Steve arrastou várias caixas do porão com decorações natalinas que sua mãe colecionou ao longo dos anos e falou que eles poderiam decorar a casa como preferirem. El estava realmente animada e parecia encantada com a infinidade de enfeites.

Steve solta um longo suspiro e sai do carro, indo em direção a porta.

No Hall de entrada toda a superfície vazia foi ocupada por algum tipo de decoração, incluindo as escadas. Ele tira o casaco e as luvas, admirando o trabalho das crianças pela casa.

Chegando na sala ele vê El sentada no sofá com Will tomando eggnog enquanto da ordens para Jonathan de como quer que as meias fiquem penduradas na lareira.

"Vejo que o dia foi bem agitado por aqui." Os três se viram para ele ao mesmo tempo.

El e Will rapidamente pulam do sofá, colocam as canecas na mesa de

centro e correm até Steve para leva-lo a um pequeno tour, explicando cada detalhe da decoração. Steve fica aliviado por não usarem as luzes natalinas.

Joyce sai da cozinha logo depois, liberando Steve das crianças. Ela pega um embrulho que estava em cima da bancada e entrega para Steve.

"Para você, querido."

Steve está surpreso, sem saber como reagir.

"Oh... não precisava, eu..."

Joyce o interrompe. "Não se preocupe com isso, querido. Agora vá se limpar. O jantar será servido logo."

"Sim. Obrigado, Joyce". Steve sorri para ela e então sobe para se arrumar.

Após o banho ele senta na cama e olha para o embrulho que recebeu de Joyce antes de abrir. É um suéter vermelho com um enorme floco de neve branco no centro e vários menores nas mangas. Ele ri quando o vê, não sabe bem porque mas está feliz. Então termina de se arrumar e o veste antes de descer.

Na sala todos estão sentados no sofá rindo de alguma coisa. Joyce o vê e se levanta.

"O peru estará pronto logo. Aqui, tome isso." Ela entrega uma caneca com eggnog e o empurra até o sofá.

Tomando um gole ele percebe que o dele foi feito com bourbon e agradece silenciosamente a ela.

O jantar é simples mas gostoso, Joyce preparou peru assado com purê de batatas, pão de milho, vagem e de sobremesa torta de maçã.

Todos vão dormir cedo e Steve toma mais um pouco de eggnog de bourbon com Joyce e Jonathan antes de se deitar.

Na manhã de natal Steve acorda cedo com El e Will animados pelo corredor enquanto a Sra Byers os repreende.

Ele se arrasta para fora da cama e se limpa antes de descer e ajudar Joyce a preparar o café.

Quando ele vai para a sala com seu café e chocolate quente para Will e El, eles já estavam sentados na árvore artificial esperando para abrir os presentes. O que Steve comprou ficou por último.

Para El ele comprou um par de patins azul claro com rodas e cadarço roxo. Ele tinha ouvido de Lucas que ela nunca tinha patinado. É claro que incluiu todo o equipamento de segurança nas mesmas cores. Ela ficou muito animada e o fez prometer ensinar ela a patinar mais tarde, o que ele fez após o café da manhã.

Para Will ele comprou um Walkman prateado da Sony com algumas fitas cassete, ele é um garoto mais reservado então achou que poder carregar suas músicas para ouvir onde quisesse seria bom para ele. Claro que foi Robin que escolheu as fitas cassete, Steve não fazia ideia de que bandas eram essas.

Nancy chegou depois do almoço com os nerds carregando vasilhas de comida.

Agora que sua casa virou um ponto de encontro sempre que eles iam pelo menos uma de suas mães, na maioria das vezes a Sra Henderson, lhe mandava comida. Ele estava começando a suspeitar que elas o queriam engordar para algum sacrifício pagão para um ano de colheita farta. Mas ele não achava ruim, elas preparavam comidas deliciosas.

"Só não me deixar influenciar pelos filmes que a Robin me obriga a assistir de madrugada, que tudo ficará bem."

Depois que o grupo se atualizou com as novidades, só se ouvia a voz de Dustin gritando indignado da sala.

"Hey Steve, que merda cara... como assim eu, que sou seu melhor

amigo, não tenho um presente?"

Steve ficou olhando pra ele enquanto tomava eu eggnog de bourbon, adiando a resposta de propósito.

"Se continuar com essa atitude de merda, não vou dar o presente de vocês".

E o rosto de todas as crianças se iluminaram. Até Mike, que só mostra para El uma expressão diferente de uma careta, estava curioso.

"Oh humilde Lorde deste magnífico castelo, mostrai-me vossa prenda." Dustin diz gesticulando exageradamente com as mãos.

"Que interesseiro." Steve ri enquanto Max dá um tapa na cabeça de Dustin e Lucas bufa revirando os olhos. "Está no covil."

Com isso todos vão correndo e gritos indistintos são ouvidos pela casa.

Os nerds tem vindo cada vez com mais frequência a sua casa despejar mais tranqueiras que suas mãos querem jogar fora. Eles costumam aparecer nos fins de semana ou dias de folga de Steve para fazer suas campanhas, ou seja lá como chamam, e acham que o escritório do seu pai tem o clima perfeito para a "imersão da aventura" e o apelidaram de covil. Então ele esvaziou uma parte da estante, colocando os livros em cima da escrivaninha, substituiu pelas coisas dos nerd e encheu o chão de almofadas. Bom, como seu pai nem mesmo aparece mais então não vai notar ou se importar a nova decoração. A única regra que ele impôs para os pirralhos é a proibição de comer ou beber qualquer coisa lá dentro.

Steve deixou na mesa de centro uma edição Advanced Dungeons & Dragons: Unearthed Arcana e Dungeons & Dragons Set 4: Master Rules, e assim eles ficaram enfiados no seu covil a tarde toda.

Algun tempo depois El e Max saíram para comer um pedaço de torta.

"Já se cansaram dos meninos?" Steve diz.

"Eles são uns babacas." Max responde antes de terminar de mastigar um pedaço de torta. El ri ao lado dela.

Quando terminam El arrasta Max para o deck e mostra o seu novo patins. Ele pode ouvir Max falar animadamente que vai ensinar todas as manobras que ela conhece.

Steve aproveita esse momento para ir até seu quarto pegar o presente que comprou para Max, ele não acha que seria de bom tom entregar na frente de todos. Quando ele chega na porta de vidro vê que Max espalhou alguns copos de plástico pelo chão.

"Hey MadMax. Tenho algo pra você também." Ele ergue um pacote embrulhado.

El vai cambaleando até Max e a usa de apoio para chegarem até Steve, se sentam nos degraus e Max pega o pacote rasgando o papel.

Steve comprou para Max um Headset para ela usar no walkie talkie que os nerds deram a ela, e ele sabe que ela tem de manter desligado quando seus pais estão em casa.

Max fica em silêncio encarando a caixa.

"Agora sem mais desculpas para ouvir as merdas que esses pirralhos ficam conversando." Steve bagunça seu cabelo sorrindo.

"E quem ia querer uma coisa horrível dessas?" Ela diz olhando para ele enquanto empurra sua mão e volta a olhar para a caixa. "Obrigada." Max diz, bem baixo.

Steve sorri e volta para dentro.

Algum tempo depois elas entram e Max guarda a caixa na sua mochila antes de voltar para o covil.

Cerca de uma hora depois a campainha toca, ele levanta do sofá para atender a porta. Quando ele chega ao Hall a campainha toca novamente com mais insistência. *"Pelo menos hoje Robin poderia ser menos apressada."* ele pensa quando chega a porta.

"Ho Ho Ho Tweedledee. Você está atra... oh"

Não é Robin que está na entrada de sua casa e sim o padrasto de Max, Neil Hargrove.

"Boa tarde Sr Hargrove." Ele diz, sério. Atrás dele, na caminhonete, a Sra Hargrove está sentada no banco do passageiro cumprimentando com um aceno e um sorriso tímido.

"Boa tarde. Vim buscar Maxine."

"... Sim... Uh... certo...".

Joyce aparece do outro lado do corredor. "Está tudo bem, Steve?"

Steve se vira para ela. "Sim, tudo bem. O Sr Hargrove veio buscar a Max."

"Oh entendo. Vou chamar ela. Boa tarde Sr Hargrove."

O homem acena com a cabeça e olha ela se afastar, cruza os braços em cima do peito e encara Steve enquanto espera.

Steve fica lá na soleira com a porta entreaberta. Ele sempre se sente desconfortável quando está perto deste homem.

Quando o silêncio está se tornando quase insuportável Robin chega dirigindo o carro da mãe. Ela rapidamente sai do carro e para ao lado de Steve, ignorando o outro homem.

"Hey Steve, desculpe pelo atraso." Ela encara o Sr Hargrove e o olha de cima a baixo "Perdi alguma coisa?"

Steve cruza os braços e se apoia no batente. "Nada que vá sentir falta. Dustin trouxe o seu favorito, gingerbread deformado."

Robin sorri, beija a sua bochecha e entra na casa.

Ao longe ele pode ouvir Robin e Max conversando antes de Max aparecer no Hall com El em um braço e uma travessa com torta na outra, provavelmente de Joyce.

Max encara o Sr Hargrove por alguns segundos antes de dar um abraço bem apertado em El.

"Obrigada por tudo, Steve."

Steve bagunça seus cabelos e sorri. "Tudo bem. Só me promete que não vai comer só essa torta hoje, hein."

Max bufa empurrando sua mão. "Aff... Você não tem que falar que nem minha mãe, Steve."

Steve ri alto. "Só não quero que seja uma tampinha para sempre... mas você que sabe." ele ergue as mãos encolhendo os ombros.

Max o encara. "Tá, eu prometo." responde revirando os olhos "Tchau Steve. Tchau Jane." Max se vira e corre para a caminhonete.

Neil Hargrove que só assistiu tudo em silêncio se vira para Steve e acena com a cabeça.

"Sr Harrington."

"Sr Hargrove."

Ele se afasta e entra na caminhonete.

"Homem mau."

Steve olha para El por um momento, voltando a encarar a caminhonete dando a volta em direção oposta. "Sim, acho que sim..."

"Eu vi. Homem mau."

Os dois olham a caminhonete sumir no horizonte e se viram um para o outro. Quando Steve abre a boca ela o interrompe.

"Depois." El diz séria.

Steve a encara e então responde. "Certo. Uh, depois."

Steve fecha a porta, El volta para o covil e Steve vai para a cozinha onde Robin está esperando.

Alguns minutos depois Dustin sai para comer.

Ele se senta na cozinha, com Steve e Robin, e explica as mudanças confusas nos livros que Steve comprou para os nerds. É claro que ele não entendeu uma palavra, então ele sai da cozinha e volta alguns minutos depois com os presentes de Dustin.

O garoto fica surpreso por um momento, com um enorme sorriso no rosto. Ele puxa o pacote e rasga todo o papel que se espalha pelo chão da cozinha.

Steve comprou dois presentes para ele, um enorme livro chamado *The Origin of Species* e na caixa um novo jogo eletrônico chamado Nintendo Entertainment System com um cartucho intitulado *Super Mario Bros.*

"Merda... onde e como você conseguiu isso, Steve?" Dustin nem espera uma resposta e já vai abrindo a caixa, conferindo o seu conteúdo.

"Esse a minha mãe conseguiu em sua última viagem a New York, disse que é muito popular e se esgotou bem rápido."

"Não que eu consiga imaginar ela entrando em alguma loja cheia de crianças barulhentas para comprar isso." ele pondera.

Eles ficam na cozinha por um tempo conferindo cada detalhe dos presentes.

O restante dos nerds só saíram do covil para jantar e Nancy os levou logo depois.

O dia seguinte foi tão barulhento quanto o anterior com os pirralhos aparecendo após o café da manhã e indo embora após o jantar. Menos Max, a mãe veio buscar no final da tarde.

Na sexta-feira a casa estava finalmente quieta e os Byers estavam arrumando suas coisas para partir naquela tarde.

Depois do café da manhã Steve foi para o quintal com El para ajudá-la a praticar um pouco mais no seu patins.

No final da manhã Joyce aparece colocando dois copos de suco e fala para eles fazerem uma pausa.

Steve guia El até as espreguiçadeiras, pega o suco pra eles e tomam em silêncio.

"Hum... então..." Quando Steve tem a atenção de El, continua "... você quer me falar sobre o outro dia, o... hum... homem mau?"

El o encara, inclinando levemente a cabeça e abrindo os olhos. Abre a boca para falar mas desiste, olhando fixamente para o copo.

Ele não a pressiona para falar, fica em silêncio esperando.

Depois de algum tempo assim ela começa a contar a ele o que viu, memórias de Billy que ela invadiu quando estava procurando pelo Mind Flayer.

Quando termina os dois ficam em silêncio, pensativos, até ele começar a falar.

"Bem, isso explica algumas coisas..." Steve esta mais falando consigo mesmo do que com El.

El olha para ele um pouco curiosa. "Vocês... amigos?"

Steve a encara alguns segundos e sorri.

"Não..." seu sorriso é desajeitado "Acho que não."

"Ok" Ela diz, um pouco desanimada.

"Mas quem sabe... algum dia." Ele não quer que ela fique triste, ainda mais depois de lembrar de uma época tão dolorosa. "... sabe, eu não... eu não me dava bem com o Jonathan.... e olhe agora, somos amigos."

"... acho que sim." Ela parece pensativa, um pouco incerta.

Eles terminam seu suco e praticam um pouco mais com o patins.

Depois do almoço os Byers pegam a estrada de volta para sua casa.

Nos três dias seguintes Steve vai trabalhar e é tudo tão caótico quanto a semana anterior, com famílias barulhentas devolvendo e alugando filmes antes do feriado de ano novo.

Na segunda-feira a noite ele já está esgotado, com a cabeça latejando de dor e amaldiçoando as duas crianças brigando pelo filme que vão levar. A vídeo locadora já fechou e Steve só está esperando eles para dar o fora dali.

Robin está esperando dentro do carro quando chega. Ele nem mesmo se arruma, só liga o carro e sai de lá o mais rápido possível.

Chegando na pedreira ele pega um frasco de aspirina no porta luvas, toma alguns e coloca o frasco no bolso do casaco.

Eles saem do carro e andam até o tonel de metal logo a frente para se aquecer no fogo em seu lugar de costume, um canto escondido pelas árvores que poucos sabem que existe, e Steve espera Robin preparar a erva. Depois de passar semanas ouvindo ela reclamar da porcaria que ela conseguia, Steve deu pra ela uma de qualidade que ele conseguiu de um conhecido.

Eles ficam em silêncio dividindo o baseado e Steve relaxa enquanto sente a pressão em sua cabeça suavizar.

Essas dores começaram em julho, quando ainda estava internado no hospital. Ele e Robin ficaram um bom tempo hospitalizados por causa dos ferimentos e das drogas que usaram neles. Provavelmente ficaram mais que o necessário para serem interrogados sobre a instalação russa debaixo do shopping e o que aconteceu quando foram mantidos presos. As crianças ficaram somente uma noite, indo embora quando

seus pais vieram buscar. El também ficou internada no mesmo hospital mas isolada de todos, só a Sra Byers tinha autorização para visitas. Steve e Robin tentavam escapar de seus quartos para visitar as crianças, mas nunca conseguiram chegar até El. Nos dias que ficaram internados os nerds iam visita-los. Sam Owens aparecia todos os dias para conversar e tentar extrair alguma nova informação que eles possam ter esquecido de dizer aos outros caras menos amigáveis do governo. Depois que receberam alta a enxaqueca foi se tornando cada vez mais frequente e intensa.

"Cara, hoje a Family Video parecia uma zona de guerra." Robin está sentada em uma pedra olhando para a água escura na frente deles.

"Yeah..." Steve suspira. Ele a conhece bem agora pra saber onde essa conversa vai terminar e não quer começar a falar sobre sua enxaqueca quando está começando a se sentir melhor.

"hum... e essa sua cabeça oca continua prestes a explodir a qualquer momento?"

Steve ri com a comparação mas para quando ela se vira com uma expressão séria.

"Nah... está tudo bem, nada diferente do normal." Steve desvia os olhos e mexe na barra da camisa "Claro que estaria melhor se esse presentinho não interferisse quando deito para dormir."

Robin fica séria por mais um momento e então seu rosto se iluminar com um sorriso malicioso.

"Sim, já que está acabando com o seu sono da beleza." Ela estica os braços cutucando entre as sobancelhas dele, "Bem aqui, Dingus... está cheio de rugas novas." e começa a rir descontroladamente.

Steve bufa e se afasta dela. "Muito engraçado... HA HA HA... estou morrendo de rir, Tweedledee." diz com sarcasmo.

Ela gargalha impossivelmente mais alto, apertando a barriga.

Steve ignora e começa a empurrar ela em direção ao carro enquanto Robin se contorce em meio aos risos.

Quando chegam em sua casa Robin larga a sua mala ao lado da porta e vai direto para a cozinha pegar pipoca e cerveja enquanto Steve escolhe um dos filmes que ela trouxe. Ele coloca *The Black Cauldron* para assistir pois parece ser o menos pior entre as opções.

Para o segundo filme Robin escolheu um de ficção científica chamado *Brazil* que Steve desiste de tentar entender.

"Então Uh... seus pais realmente não se importaram de você ficar aqui todo o feriado de fim de ano?"

Robin nem mesmo tira os olhos do filme, como se fosse mais interessante.

"Sabe, eu não quero que eles apareçam aqui me acusando de ser uma má influência... ou qualquer coisa." ele tenta de novo.

"Nah... eles te adoram. Principalmente a minha mãe, ela acha que você está me levando pro *caminho certo*."

"Hum...?" Steve fica confuso.

"Você sabe, me curando." Robin enche a boca de pipoca, os olhos na tela.

Steve ainda não consegue entender o que ela quer dizer.

"Vamos lá, Dingus, você não pode ser tão tapado." Ela empurra seu joelho "Eles acham que estamos namorando ou algo assim."

"Ah certo... certo, nossa... Jesus, entendi..." Steve quer se enfiar em um buraco por ser tão lerdo "Bem, ela e metade da cidade, né?"

"Nem me fale. As vezes da vontade de fazer o Dustin engolir suas preciosas pérolas quando faz aqueles barulhos estranhos."

Steve entende o sentimento e ri.

"Mas e Uh... aquela garota que você estava vendo? Ela não vai se importar por você ficar aqui o tempo todo?"

Robin para uma mão cheia de pipoca e olha rapidamente para Steve, voltando a prestar atenção ao filme.

"Nah... acho que não. Ainda é muito cedo pra qualquer coisa."

Steve sente que perguntou algo que não devia. Então ele só muda pra uma posição mais confortável no sofá e tenta se distrair com os filmes.

Ao seu redor está muito escuro, não consegue enxergar nada no meio do breu. É difícil respirar, como se estivesse preso em uma caixa.

E então ele ouve algo se arrastando na terra, o som vem de todos os lados.

Partículas de pó começam a aparecer na sua frente, se tornando cada vez maiores.

Quando ele acha que seus olhos se acostumaram com a escuridão ele vê o bizarro botão de flor se projetar a sua frente, que começa a se contrair. Ele se abaixa e esconde o rosto entre os braços.

Fica agachado imóvel até ouvir um barulho distante ficando mais alto. São vários pequenos passos vindo em sua direção.

Ele começa a correr sem rumo dentro do túnel, tentando manter a maior distância possível do barulho. Conforme corre ele vê o túnel se estreitando ao seu redor.

Não consegue ir muito mais longe, tropeçando em um cipó e caindo de frente no chão.

Steve se encolhe e fica parado, esperando que os Demodogs venham se banquetear nele. Ele fica esperando o que parece ser uma eternidade, mas eles não vem.

Steve começa a sentir uma brisa, consegue sentir o ar entrar em seus pulmões sem resistência. O chão abaixo dele é firme.

Quando ergue a cabeça ele percebe que não está mais nos túneis.

O lugar ainda é tão escuro e frio quanto os túneis, mas é espaçoso. O chão parece ser de concreto e olhando para cima consegue ver a luz da lua entrando pelas janelas no alto daquela sala.

Ele olha em volta e a única coisa que consegue encontrar é uma escada de metal enferrujada.